



CONTINUIDADE

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER
RUBENS SILVIO GERMINHASI
ESPÍRITOS DIVERSOS

ÍNDICE

CONTINUIDADE	3
FAMÍLIA D'UTRA DE CSTRO.....	4
FAMÍLIA GINJO	7
FAMÍLIA FREITAS CAMPOS	12
FAMÍLIA MACHADO PINTO.....	18
FAMÍLIA MANO JÚNIOR.....	28
FAMÍLIA MARTINI.....	32
FAMÍLIA ROSSATI LEMES	38
FAMÍLIA SILVA PARAIZO	44
FAMÍLIA TOMAZ DE OLIVEIRA.....	49

CONTINUIDADE

Emmanuel

Amigo Leitor.

Se a dificuldade e a provação constituem traços predominantes sem eu caminho não te revoltes nem admitas que o desânimo te assopre aos ouvidos alguma sugestão infeliz.

Atente aos deveres que te competem e prossegue em tua jornada renovadora.

Problemas pertencem a todos as vidas na senda da evolução.

Lembra-te: Uma pessoa que traga consigo a paz da fé em Deus mesmo cansada ou doente se tem o prodígio da boa-vontade para com o próximo, seguirá para frente, trabalhando e servindo, por muitos quilômetros.

EMMANUEL

Uberaba, 13 de setembro de 1990.

FAMÍLIA D'UTRA DE CASTRO

JOMAR D'UTRA DE CASTRO

Nascimento: 26 de maio de 1974

Desencarnação: 15 de abril de 1981

Idade: 7 anos

ESCLARECIMENTOS:

Pais: Sebastião de Castro e Denise de Almeida d'Utra de Castro, residentes no Rio de Janeiro – RJ.

Irmãos: Patrícia d'Utra de Castro; Ana Paula d'Utra de Castro.

Avó: Herondina de Almeida d'Utra, materna.

Bisavó: Mariana Dias de Almeida, materna, desencarnada em 27.04.1956.

-COMENTÁRIOS-

O que nos diz Dona Denise de Almeida.

“Desde o seu nascimento, Jomar apresentava problemas relacionados à sua saúde”.

Aos 15 dias do seu nascimento, foi vitimado por um abscesso na face esquerda.

Após exames necessários a doença foi diagnosticada: neutropenia crônica-congênita.

Aos quatro anos precisou ser internado numa clínica para tratamento de pneumonia, envolvendo sérias complicações.

Recuperou-se, em 1980, aos cinco anos, foi novamente acometido pela mesma moléstia, sendo na ocasião submetido a uma intervenção cirúrgica cardíaca, também com várias complicações.

Em 12 de abril de 1981, brincando no quintal da casa de uma amiga, levou um tombo, ralando superficialmente o joelho, sobrevindo também sérias complicações, agora, irreversíveis, que o levaram à desencarnação no dia 15 de abril de 1981.

Cursava a classe de alfabetização.

Gostava de freqüentar a escola onde tinha vários amiguinhos, relacionando-se muito bem com os mesmos e com a professora.

Jomar gostava sempre de fazer perguntas relacionadas à religião, como por exemplo:

Como é o Céu?

Como é Deus?

Eu não gostava e não sabia responder e, nessas ocasiões, procurava mudar de assunto.

Intimamente eu pressentia que Jomar não ficaria comigo por muito tempo.

Três dias antes de desencarnar, ele aproximou-se de mim e disse:

-Mãe, eu sei que você não gosta de falar nisso, mas me responda só uma coisa:

O que é anjo da guarda?

Respondi, rapidamente:

Anjo da guarda é o anjo que protege a gente. Agora vá brincar.

Respondeu-me: Ah... E foi brincar.

Assim foi, em poucos detalhes, a presença de nosso filho na Terra.

Antes de passar por todo esse drama que se abateu sobre a nossa família, jamais passou por nossas mentes visitar a cidade de Uberaba e, particularmente, conhecer o médium Chico Xavier.

Motivados por essa dor formos de encontro ao querido médium.

Ao receber a primeira mensagem de nosso querido filho, sentimo-nos mais confiantes e mais esperançosos, pois estávamos chegando à Doutrina Espírita que muito nos tem ajudado a prosseguir e compreender que a vida prossegue aguardando-nos o futuro para novo reencontro.

Muito devemos a Francisco Cândido Xavier, não só pela mensagem, mas por tudo o que ele representa às almas carentes, como nós, dos ensinamentos de Jesus.

Com paciência, resignação e a confiança em Deus, temos a certeza de que, se for permitido, Chico Xavier estará sempre a oferecer esse consolo como enviado de Deus a este Planeta, sem desconsiderar o esforço e abnegação de muitos outros médiuns, trabalhadores na Doutrina Espírita.

MENSAGEM DE: JOMAR d'UTRA

Querida maezinha Denise e meu querido papai Sebastião, a vovó Mariana me trouxe para dizer-lhes que estou muito forte, crescendo em vida nova.

Maezinha Denise, não se aflija lembrando a minha queda, em que me feri o joelho. Tudo devia ser como aconteceu.

O corpo frágil, sem defesa, era aquele mesmo de que eu precisava para valorizar a vida.

Agora, querida Mamãe, tudo mudou.

Estou mais forte e não acredite que o seu carinho me pudesse afastar da provação que era minha, em permanência curta no lar de nossas alegrias.

Sempre que possível retorno a vê-la em nosso ninho feliz da Rua Tenente Cleto Campelo, em nossa ilha de trabalho e de paz.

Envio muitos abraços às irmãs queridas e desejo dizer à vovó Herondina, que a vovó Mariana e ela se confundem - nos mesmos gestos de bondade e na mesma luz de amor.

Querida mamãe Denise e querido Papai; fiquemos nós todos com Deus nos corações e recebam muitos beijos do filho sempre grato e que espera crescer em boas experiências na vida renovada para que lhes possa, um dia, ser útil tanto quanto desejo.

Muito carinho e gratidão do filho que tanto lhes deve.

Jomar

FAMÍLIA GINJO

VELINO GINJO

Nascimento: 29 de julho de 1918
Desencarnação: 12 de março de 1978
Idade: 60 anos

ESCLARECIMENTOS:

Esposa: Lídia Ginjo – residente em São Paulo - SP.

Ana Coelho: Sogra, desencarnada em 1951.

Manoel Coelho: sogro

Avelino Ginjo Filho: Filho

José Manoel Ginjo: Filho

“... normalizar os problemas que fui constrangido a deixar...” –

Refere-se à compra de um imóvel, seis meses antes de seu falecimento, ainda com inquilino, que não havia sido regularizado.

-COMENTÁRIOS-

Para dizer com mais propriedade quem era esse amigo; fomos buscar depoimento feito na Folha Espírita de São Paulo, numero 73 – abril de 1980, nas palavras do ilustre Dr. Freitas Nobre:

“AVELINO GINJO, O COMPANHEIRO”.

Sinto-me na obrigação de prestar este depoimento sobre a figura inesquecível de Avelino Ginjo, repórter - fotógrafo com o qual trabalhei no Jornal da Manhã, e em vários outros diários paulistanos.

Cheguei a São Paulo com 15 anos de idade e, de imediato, passei a procurar trabalho.

No Diário da Noite, fui entrevistado pelo então repórter Maurício Loureiro Gama e, a entrevista, em manchete de página inteira, ajudou-me a procurar emprego em jornal.

No dia seguinte, estava empregado como repórter no Jornal da Manhã, onde encontrei Avelino Ginjo, já prestigiado na classe e no próprio jornal em que trabalhava.

Desprendido, preocupado apenas em servir, quando o aperto era maior, ele me emprestava um pouco do pouco que ganhava, pois meu salário era baixíssimo, talvez em razão da idade.

Guardo uma lembrança muita querida dos vários anos em que trabalhamos juntos, em vários jornais paulistanos, eu escrevendo e ele fotografando.

Sua figura de jornalista e de cidadão, de amigo e de companheiro, cresce no tempo, na lembrança e na saudade.

Agora, que através da psicografia de Chico Xavier ele volta ao diálogo com sua família, alegro-me porque sei que simplicidade, sua fraternidade, seu carinho de amigo, lhe permitem colher as flores que espalhou em vida e os frutos sazonados de tanto bem que plantou no caminho de sua existência terrena.

Freitas Nobre ““.

Pequeno relato de sua vida profissional:
Profissional de imprensa com 40 anos de atividades.

Trabalhou em 1939, no Jornal da Manhã, Departamento Estadual de Informações, onde se destacou o principal fotógrafo. Jornal Trabalhista, cujo setor fotográfico foi organizado sob sua orientação.

A Noite de São Paulo.

A partir de 1959, chefiou o Departamento Fotográfico do Serviço de Imprensa do Governo do Estado.

Conselheiro do Museu de Imagem e Som do Estado. Recebeu numerosos prêmios fotográficos, um dos quais pelas fotos que fez

durante a chegada dos integrantes da FEB que combateram na Segunda Guerra.

Muitas personalidades estrangeiras que visitaram São Paulo; foram por ele fotografadas.

A Prefeitura de São Paulo, na gestão do Prefeito Olavo Setúbal, deu seu nome à Rua 3, do Jardim Marisa, em Pirituba.

A Câmara Brasileira do Livro; instituiu o prêmio Avelino Ginjo, atribuído à melhor fotografia publicada sobre a V Bienal Internacional do Livro.

“Dados extraídos da Folha Espírita de São Paulo”.

A família inconsolada pela sua desencarnação; foi ao Chico Xavier desejando encontrar uma resposta às suas preces. O objetivo foi alcançado.

Neste elo verdadeiro de carinho e amor que encontrou em Chico Xavier, expõe o seu sentimento para que as mensagens contidas neste livro possam dar forças a quem necessite e, com muita gratidão, o seu muito obrigado a FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER.

MENSAGEM DE: AVELINO GINJO

Querida Lídia; Deus nos proteja.

Venho ao seu encontro com o objetivo de agradecer ao seu carinho de companheira, o tesouro de amor que recebi de sua dedicação, com o mínimo de recursos para retribuir.

Querida, não julgue, haja na morte do corpo qualquer expressão de esquecimento. Lembro-me das menores minudências de nosso convívio e a memória está quase que fixa nas preces que formulo ao Mais Alto, rogando bênçãos de paz e saúde, tranquilidade e alegria para você e nossos queridos filhos. Sei que retorno à Vida Verdadeira quase que de improviso e quero manifestar-lhe a minha gratidão pelo devotamento e serenidade com que você me auxiliou a normalizar os problemas que fui constrangido a deixar sem a devida solução.

Creia que a sua família, igualmente minha pelo coração, me acolheu com a ternura de antigo parentesco.

A sua querida avó Ana; fez-se minha segunda mãe e seu pai Manoel Coelho tem sido para mim um apoio de valor inexcedível.

A princípio, sabe você que não poderia reconhecer-me por aqui, sem lastimar a vinda rápida e compulsória.

O homem na Terra acredita que o momento terminal da viagem na experiência física, certamente nunca chegará e, por isso, devem ser muito raro os que chegam aqui, sem esse espanto angustiado de que me vi possuído quando reconheci que o meu campo de vivência se alterara de maneira sensível.

Felizmente, as dificuldades foram passando e preciso dizer que a sua coragem, muitas vezes, foi a minha resistência para que o meu reajuste à vida nova se processasse com segurança.

Sei que tem lutado bastante para reerguer as forças do nosso Avelino.

Querido filho; impressionado com o inevitável, rogo a você dizer-lhe que estou bem e que espero delo e do nosso querido José Manoel a justa fidelidade aos estudos, na preparação dos dias que hão de vir, dias em que eles também, na condição de homens feitos, serão compelidos a facear os problemas que nós dois tantas vezes resolvemos juntos.

Creio que o seu entendimento com os nossos rapazes, no alicerce destas palavras que lhes dirijo, trará o efeito que desejamos.

Querida, os filhos são sempre os reflexos de nós mesmos, especialmente quando crianças ou quando se encaminham para a juventude. Alguém poderá acusar-nos por havê-los mimado com o nosso amor, entretanto, ambos; estamos tranqüilos, porque a nossa edificação a eles se, pré se baseou no imenso desejo de vê-los felizes.

Querida Lídia; não posso ser mais extenso.

Amigos que me auxiliam convidam-me a observar a minha ficha de tempo e devo terminar.

Muito carinho aos filhos sempre queridos e guarde em seu coração a confiança total e o invariável amor de todos instantes, do esposo e companheiro que vive ao seu lado, pelos fios do pensamento.

Gratidão e afeto constantes do esposo sempre seu;

Avelino Ginjo

FAMÍLIA FREITAS CAMPOS

CHRISTIAN W. FREITAS CAMPOS

Nascimento: 21 de outubro de 1969
Desencarnação: 09 de junho de 1984
Idade: 15 anos

ESCLARECIMENTOS:

PAIS: Fernando Kerr a Campos e Regina Helena Freitas Kerr Amaral – residentes em Santos – SP.

Irmã: Paola Rossi Kerr Freitas Campos

Vovó Francisca: Materna, desencarnada quando Christian ainda era bebê.

Vovó Maximínia: Avó por afinidade. Desencarnada.

Paulo Júnior: Amigo que estava na moto por ocasião do acidente.

- COMENTÁRIOS –

Em círculo de muitos amigos e em idade de plena felicidade. Christian construía seu castelo de sonhos. Seu mundo encantado era projetado através da pintura, da leitura e de viagens que se completavam ao sabor de sua vontade.

Vivia feliz. Seu coração vibrava com os computadores. A todo instante procurava a aprovação de sua mãe para que lhe proporcionasse possibilidades de formar-se num curso de computação eletrônica.

A mãe percebendo seu entusiasmo incentivou-o. Lamentavelmente, o tempo para iniciá-lo não lhe foi suficiente. Cursava o Colégio Objetivo.

Certa manhã, sempre feliz, propôs à mãe um passeio de motocicleta. Com alguns problemas em casa ela hesitou por instantes,

mas para não querer apagar o brilho de sua alegria aceitou com a condição de segui-lo andando.

Christian concordou. Convidou um amigo para acompanhá-lo.

O passeio iniciou-se.

Os dois rapazes, na moto em velocidade bem moderada para não perder dona Regina de vista, estavam tranqüilos.

Aproxima-se um caminhão em alta velocidade e, em seguida, um barulho horrível se fez ouvir.

Pessoas deslocavam-se afobadas, gritando, quando dona Regina sentiu ter perdido seu filho.

Adiantou-se rapidamente ao encontro do acidente, desesperada, rogando a Deus que lhe desse forças para enfrentar aquele momento em que seu coração gritava de dor.

Impossível descrever. Seu desejo era partir junto.

A cena ficou em seu coração como a lembrança da dor. Ao seu amigo nada aconteceu.

Dona Regina tendo nascido e crescido dentro da Igreja Batista, nunca aceitou a Doutrina Espírita e dela evitava qualquer aproximação.

As leis de Deus, mesmo que não queiramos aceitá-las por opiniões ou simpatias religiosas, se fazem sempre presentes onde quer que estejamos.

É evidente que o livre-arbítrio é respeitado.

Importante salientar que o curso da vida está vinculado ao nosso passado. Dona Regina é mais um exemplo.

Duas semanas do ocorrido, de mãos amigas recebe uma mensagem psicografada por Chico Xavier e o livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo”.

A partir daí, sentiu vontade de ir a Uberaba e, mesmo contrariando os familiares que lhe diziam ser bobagem “essas coisas”, quatro meses após, viajou para a cidade mineira.

Christian comunica-se.

Dona Regina emocionada nos relata os seus preciosos momentos frente a Chico Xavier.

“Prevenida da maneira que eu estava contra a Doutrina Espírita, confesso que se tivesse conversado e comentado alguma coisa sobre o acidente, eu não acreditaria, mas deu-se tudo ao contrário. As únicas palavras minhas foram para dar o meu nome e o do meu filho a Chico Xavier e nada mais”.

Nesse momento Chico perguntou-me quem era vovó Maximínia. Queria falar comigo.

Dizia que o menino estava bem e feliz.

Pedia para não me desesperar.

Sorriu e disse-me ainda: “O menino está aqui, é muita luz, ele está feliz por ter uma mãezinha que o auxiliou a ajudar duas pessoas que agora estão enxergando”.

Por sua vontade, doei as suas córneas.

Ao ouvir aquilo, chorei muito e agradeci a Deus por ter aliviado a alma. À noite, voltei ao Culto do Evangelho no Grupo Espírita da Prece, achando já ter recebido minha dádiva, quando o Chico me chamou e leu a mensagem que meu filho havia enviado.

Chico também não sabia do que ocorria com mamãe, que sempre reclamou sua ausência na mensagem recebida.

Em outra viagem. Christian envia pequena mensagem onde tranqüiliza sua avó.

Eis o trecho de sua lembrança:

“... Diga, mamãe, à vovó Biga para não se sentir esquecida por mim, porquanto lhe tenho o amor no íntimo do meu coração agradecido por todo o amor que ela nos deu e continuará a nos doar, com a riqueza de compreensão que lhe enfeita a alma querida...”.

Para mim, agora, não existe morte, apenas uma separação temporária, umas férias.

Quando a saudade me aperta o coração, eu converso com ele, não ouço a sua voz, mas sinto a sua alegria de me saber bem.

Se ele me ama, não que me ver triste.

Conforme a sua própria definição de saudade quando ainda encarnado: “A saudade é um barato”.

Logo estaremos juntos “”.

MENSAGEM DE: CHRISTIAN W. FREITAS CAMPOS

Querida mãezinha Regina, agora é o momento de voltar a ser criança pedindo-lhe a bênção.

Estou em companhia do meu pai e da vovó Francisca, que me recolhera nos braços quando fui atirado ao longo pela moto batida pela pesada máquina que nos colheu de improviso.

Foi um saldo que nunca esperei viesse a experimentar.

Mãezinha; peço-lhe perdão se desejei que você saísse em minha companhia na hora fatal.

Desde muitos dias, andava sentindo uma tristeza que me corroia por dentro. Seria saudade de meu pai ou alguma contrariedade que não conseguia precisar?

Não sei por que motivo me sentia mais necessitado de sua presença e de sua companhia.

Tinha um medo de tudo, que não confessava por senti-lo absurdo, quando tudo nos sorria no cotidiano.

Naquele dia, sem a mínima intenção de expô-la a qualquer perigo, convidei-a para passear comigo...

Nós dois e a moto amiga; transportados para longe, a fim de admirarmos a natureza.

Você, graças a Deus, não se sentiu disposta a acompanhar-me em face dos serviços que a nossa querida Paola lhe reclamava, e segui

sem você Pois foi nesse dia que os meus pressentimentos se cumpriram.

O choque das máquinas me deixou descordado e de nada mais fiquei sabendo, senão que um dia, creio que depois de muitos outros dias, despertei entre amigos que me fitavam com simpatia.

Supondo-me numa casa de tratamento e repouso, quando consegui falar, pedi-lhes à volta para a nossa casa, mas uma das sombras que me solicitou chamá-la por vovó Maximínia disse à companheira que eu crescera e me desenvolvera muito depressa, elogiando-me a coragem e o destemor com que eu manejava a minha moto.

A senhora interpelada, que me recomendou chamá-la por vovó Francisca, fez um sinal afirmativo, e o companheiro me abraçou com carinho, indagando se eu não o reconhecia.

Tudo foi reajustamento de um instante.

Nos olhos colocados nos meus, vi meu pai, reconhecendo-lhe a bondade e proteção. Então choramos juntos, misturando nossas lágrimas de alegria no reencontro, com tamanha intensidade, que eu não sabia se eu era meu pai, ou se meu pai era eu.

Depois falamos de sua presença e de nossa querida Paola, e a morte naqueles momentos se fizeram vitória para nós, porque ali guardávamos, nós quatro, a certeza de que Deus não nos criaria para separa-nos, e que um tempo virá em que estaremos novamente reunidos para ser felizes sem adeus.

Mãe querida, estas notícias eu lhe trouxe com o meu coração.

Peço-lhe não permitir que amigos ou parentes nossos acusem a moto que me foi companheira e colaboradora em todas as vezes que eu necessitasse ganhar tempo. Estou bem, e se não fosse a saudade, creio que estaria no melhor que me pudesse acontecer. Entretanto, a saudade é um ponto incessante de intercâmbio e, pela saudade, estaremos sempre juntos.

Muito carinho a nossa Paola. Não e esqueço do Paulo Júnior.

E com os sentimentos de carinho e apreço que meu pai me solicita transmitir-lhe, deixa-lhe aqui neste papel em que o lápis me

traduz os garranchos de amor e saudade, muitos beijos de afetuosa gratidão, do seu filho e companheiro de sempre.

Christian

**FAMÍLIA MACHADO PINTO
LAURA MARIA MACHADO PINTO**

**Nascimento: 14 de janeiro de 1949
Desencarnação: 22 de julho de 1982
Idade: 33 anos**

ESCLARECIMENTOS:

-HENRIQUE PINTO – Esposo Laura Maria – Residente em São Paulo – SP.

-Patrícia de Fátima Machado Pinto – Filha. Cursava o 1º grau no Ginásio Nossa Senhora Aparecida, em Moema e Ballet na Izabel Schimit Ballet. Desencarnada no acidente.

-Maria Beatriz Machado Pinto – Filha. Cursava o primeiro colegial no Ginásio Nossa Senhora Aparecida, Moema – Desencarnada no acidente.

-Zélia Aparecida Lana Fontes – Formada em Enfermagem. Desencarnada no acidente.

-João Evangelista Lana – Fazendeiro, pais de Zélia. Desencarnado no acidente.

-Vó Carmela – Carmela Cúria, materna de Henrique. Desencarnada em 1949.

-Carlos Fontes Filho – Esposo de Zélia A Lana Fontes.

-Tio Domingos – Domingos Aloisio, tio de Henrique, desencarnado em 1950.

-Mãezinha Maria – Maria Piconi Machado, mãe de Laura Maria.

- COMENTÁRIOS -

O que dizer a um homem que perdeu toda a sua família aqui na Terra, quando o seu lar florescia em felicidades!

O que dizer! Vejamos como lhe aconteceu.

A fim de aproveitar o fim de férias escolares em julho, Dona Laura Maria Machado Pinto; acompanhada das filhas e mais a afilhada de casamento, Zélia Aparecida Lana Fontes, (casada há 90 dias com Carlos Fontes Filho, sócio de Henrique Pinto) dirigiam-se à fazenda do pai de Zélia, Sr. João Evangelista Lana, em São Sebastião do Paraíso – Sul de Minas.

Já na fazenda, o Sr. João Evangelista, sugeriu visitarem parentes na cidade de Cássia, aonde chegaram no dia seguinte.

Posteriormente, também passeando, dirigiam-se à cidade de Franca em visita a outros parentes, onde ficaram até o dia 22 de julho de 1982.

Nesse mesmo dia, por volta das 20:30 horas, em noite de luar, resolveram retornar à fazenda em São Sebastião do Paraíso e, tomando rumo de Batatais, pela Rodovia Cândido Portinari, aconteceu o inesperado.

Na altura do quilômetro 12, defronte ao Clube Esportivo e Recreativo de Franca, no lugarejo conhecido por Restinga, um caminhão da cidade de Nuporanga colidiu frontalmente com o automóvel dirigido por Dona Laura onde se encontravam as cinco pessoas.

O choque foi inevitável e, com a sua violência, tanque de combustível da Brasília, por estar cheio, explodiu e tudo instantaneamente virou cinzas.

O marido e pai Henrique Pinto, aconselhado por Dona Yolanda Cesar, resolveu conhecer Chico Xavier. Algumas Visitas foram feitas até que, numa delas, foi recebida a linda mensagem.

A fé e a esperança em Chico Xavier eram muito grandes.

O recebimento dessa mensagem foi como um bálsamo. Passou a não se sentir tão só como dantes.

Palavras do Sr. Henrique Pinto:

“Passei por momentos terríveis, indesejáveis a qualquer ser humano. Foram dois meses de martírio. Tive a impressão de que o mundo desabara sobre a minha cabeça”.

A mensagem trouxe-me calor, ânimo e vida.

Passei a não me sentir mais só.

Deixei de lado as intenções de acabar com tudo, inclusive com minha apropria vida.

Hoje, com toda essa experiência de vida, sou feliz.

Às famílias que passaram por esses momentos, coloco-me ao inteiro dispor para, com palavras confortadoras, tentar reanima-las.

É difícil concebermos tais acontecimentos, mas de uma coisa podemos ter certeza:

Nenhuma porta é fechada por Deus, sem que uma infinidade de outras sejam abertas.

Para mim ficou mais claro que tudo na Terra é efêmero. Tudo o que é do homem se acaba, menos o amor de Deus que é infinito.

As novas portas que se abriram me permitiram novos horizontes e me deram outras razões para viver.

Pude crer que há mil verdades entre a vida e a morte, e que somos uma migalha no imenso Universo.

Por isso, só temos que viver com amor no coração, sem motivos para orgulho, vaidade e tolices humanas.

O homem espera paz, união entre os seus e motivo de amor para continuar vivendo. A mensagem me deu tudo isso.

Tive coragem de me reerguer, de constituir nova família e viver com alegria e prazer entre os que agora me abrigam.

Cultivo com todos que agora convivem comigo, um ambiente altamente sadio, alegre e cheio de esperança.

Trabalho com dedicação inteiramente voltada à minha nova família, carregando a minha cruz com dignidade.

Força maior para viver, dão-me agora, minha atual esposa, Marilda Aloi Pinto e minha filhinha, Mariana Aloi Pinto, nascida em 22.10.1987 “”.

MENSAGEM DE: LAURA MARIA

Henrique; é muito difícil escrever depois de tamanhas provações. Isso ocorre porque de um lado é a dor fixada de modo irremovível e de outro a transformação amarga na essência, mas sempre configurando a promessa de melhores dias.

Compreendo o seu sofrimento que é o nosso, entretanto, estaria consolada com o reconforto que você pudesse articular, adentro de você mesmo, em nosso benefício. Nossas lágrimas se entrelaçam, nossas tribulações ainda não diminuíram. Ainda assim, muito embora traga o coração partido pela saudade e pela angústia daquele acontecimento que as palavras não descrevem; peço a você coragem e fé em Deus.

Endereço este mesmo apelo à mãezinha Maria e ao Carlos que nos acompanham. Seria faltar com a verdade informar que nos achamos bem, qual se houvessemos atingindo São Paulo numa viagem feliz.

Aquela tempestade concentrada de opressão que nos retirou do corpo foi algo de espantoso que a mente humana, ao que acredito, não consegue conceber.

Seguíamos respirando o ar puro da estrada, conversando com as crianças, quando fomos colhidos pelo peso irresistível de ferro e fogo que nos consumiu a existência física em rápidos minutos.

Creiam vocês que não houve lugar para a dor, porque as aflições reunidas numa só visão de assombro e sofrimento, nos deixaram desorientados.

Tivemos instantes de lucidez, fora da vestimenta corpórea, no entanto, a Providência Divina jamais, nos abandona. Lá mesmo, ante a visão do campo aberto, uma equipe de enfermeiros nos aguardava. Aquilo nos fez pensar em preparação. Agarradas comigo, as nossas queridas filhas Patrícia e Beatriz me tomavam a alma toda. Gritos e lamentações surgiam, próximos de nós, no entanto, as ambulâncias que não conhecíamos nos recolhiam com pressa.

Zélia, como que aparvalhada, buscava em meus olhos alguma força que também a mim faltava, de todo, naquela hora em que unicamente a idéia de Deus me dominava os pensamentos.

O nosso amigo senhor João desmaiara e, ainda na inconsciência, as nossas pequenas atendendo-me aos pedidos se acomodavam nos veículos de socorro. Não sei. Tive a impressão de que uma energia estranha a mim própria me resguardava numa couraça de metal impermeável, porque a noção de responsabilidade prevalecia por dentro de mim.

Uma fogueira que nos despojasse do corpo, deliberadamente, não nos faria tanto pânico. Uma espécie pânico mortal; se pudéssemos dizer que penetrávamos num domínio em que a morte existisse.

Sentia-me exausta, com o cérebro tangido por alucinações de pavor que não conseguia comunicar ao papel se o desejasse, me marcava todas as emoções, quando uma senhora de semblante simpático se abeirou de mim e notificou-me que o acidente imprevisível na Terra, fora anotado na Vida Espiritual antes de vir a ser e que ela estava junto de nós, com o fim de estender-nos mãos amigas.

Apesar do espanto que me arrasava diante daquele montão de cinzas e objetos fumegantes, ainda tive meios de perguntar-lhe a que vinha e quem era que com tanta bondade se interessava por nós. Ela me informou ser a vovó Carmela, nome de que não me lembrava naquela hora de suplício de que ainda não nos desvencilháramos. Vovó Carmela! Fosse quem fosse, confiei-me àqueles braços que me estendiam carinho e proteção. Abracei-me a ela, a avó que naquele momento se me fazia plenamente desconhecida e só então conseguia dar vazão às lágrimas que meu peito represava.

Querido Henrique; você pode imaginar o mundo de pensamentos contraditórios que me desabrochava no íntimo. Por quê? A interrogação me atormentava, no entanto, ambas as máquinas socorristas que nos amparavam se colocavam em movimento. A vovó Carmela se instalou ao meu lado e abrigou-nos as filhinhas então desacordadas.

Até ali os meus raciocínios se mostravam vigilantes. Não creio que isso acontecia em razão de forças de que eu mesma não dispunha. Acontece que, por dentro de mim, os instintos de mãe falavam mais altos, o cansaço me envolvia de todo, mas o anseio de valer pelas filhas não me permitia o repouso.

Minha benfeitora falou do estranho poder materno de que Deus dotou a alma da mulher-mãe e me afirmou que o descanso me alcançaria tão logo visse as meninas devidamente protegidas e recomfortadas.

Entre o medo e a inconsciência, notei que retornávamos para as vizinhanças de Franca, onde um hospital de emergência nos recebeu. Somente aí, ao ver que nossos companheiros e as filhas queridas encontravam abrigo e apoio certos, é que consegui aceitar o repouso no leito improvisado que se me oferecia. Entrei num torpor emoldurado de inquietação, pois, na realidade, eu mesma ignorava se éramos mortos-vivos, atingindo um local desconhecido para mim para o tratamento de que necessitávamos ou se éramos vivos-mortos com a possibilidade de regressar aos nossos lares. Pensava em você com insistência, queriavê-lo, reclamava-lhe a presença, no entanto, agradecia também a Deus a sua ausência daquele conflito de forças em movimento que nos havia esmagado. Não era justo desejar que você ali estivesse, simplesmente, por egoísmo de minha parte, suportando conosco aquela travessia de sofrimento e perplexidade inenarráveis.

Então, pude chorar, a sós, de verdade. Não poderia sustentar qualquer ilusão. Estávamos numa vida diferente, arrancados todos de nosso corpo físico, a pancadas e chamas que não gastaram senão momentos rápidos para nos expulsarem do mundo.

Penso que a Infinita Bondade de Deus manipula recursos de amparo, qual se fosse constituída por braços mágicos. Fôramos conduzidos par alugar de silêncio e misericórdia.

Admito que não suportaria ver você, chorando por mim, desconhecendo em que cinzas se me consumira a identidade pessoal. Refletindo na sua agonia espiritual, diante do que restava de nós,

deixei que as lágrimas ensopassem as vestes alvas do pouso em que me estirara.

Mãos devotadas ao Bem me alcançaram e me transmitiam brandos anestésicos para mim invisíveis e, logo após, achei o caminho indeterminado do sono em que me prostrei não sei por quanto tempo. Mais tarde; acordei para reconscientizar-me de tudo o que nos ocorreu, encontrando suficientes energias para chorar mais intensamente.

A vovó Carmela; e outras afeições se encarregavam de consolarnos. Nós, os adultos, para logo entramos no conhecimento do acidente de que nos retiráramos tão despojados de tudo, como quando nascemos na Terra.

Somente a Patrícia e a Beatriz indagavam de nossa volta para casa e os nossos diálogos se acentuaram até hoje, de maneira a recolhermos esclarecimentos precisos sobre a desencarnação, assunto sobre o qual, habitualmente, na Terra não se pensa, conquanto a fatalidade de semelhante encontro com as realidades que nos presidem a vida. Nossa situação prossegue desse modo até hoje, porque você compreenderá que dois meses são tempo demasiadamente curto para se medir o tamanho de acontecimentos tão dolorosos.

Ainda assim, venho até aqui amparada pela vovó Carmela e por um benfeitor que se nos deu a conhecer por irmão Domingos, a fim de rogar a você e à mamãe, tanto quanto a todos os nossos; conformação e coragem. Zélia nos recomenda transmitir idêntica solicitação ao Carlos, porquanto ambas pedimos a vocês dois para tolerarem as dificuldades do momento, procurando viver e renovar o próprio caminho.

Querido Henrique, você sabe que eu não entregaria você a ninguém, no sentido de me substituir junto ao seu coração de esposo dedicado e amigo, entretanto, neste outro lado da vida, é impossível que o nosso amor deixe de ser amor verdadeiro e o amor verdadeiro pede forças para afirmar-lhe que, depois do aguaceiro de pranto, outras alvoradas surgirão. Você está moço e não nasceu para uma vida de experimentações e desequilíbrios.

O lar tão nosso não foi destruído. Permanece o sustentáculo de tudo o que tínhamos e fomos, que é você. Pese comigo, amado companheiro, na imposição de um retorno à realidade humana. Não digo que você se apresse através de deliberações sugeridas pela dor que ainda nos pressiona os sentimentos.

Entretanto, busque tranqüilizar-se a fim de meditarmos com acerto. Semelhante comportamento é igualmente o meu, agora em que me vejo na contingência de rogar a Deus nos auxilie a vê-lo reintegrado em sua vida normal de homem de bem. Não nos percamos da fé e estejamos conscientes de que as circunstâncias oportunamente nos trarão alguém que me ampare, amparando a você, como se faz preciso. Você não nos perdeu. Querido Esposo; apenas viemos antes. Você, porém, ainda tem muitas realizações a promover no bem dos outros. Que você e o nosso amigo Carlos não admitam a idéia da morte. Compreendemos que a formação cristã que nos levantou os sentimentos de confiança para a vida não nos aprova a inspiração do suicídio direto, mas temos muitas formas indesejáveis de deserção voluntária, como seja o esquecimento de nosso interesse pela vida. Não julgue que a sua Laura Maria estivesse desagregado o afeto que lhe consagra num estranho processo de indiferença. É que existem momentos, entre a existência no corpo e a morte reconhecida, nos quais as nossas almas são obrigadas a uma opção humana e cristã perante os entes adorados que deixamos.

Muito mais justo, continuar amando a você qual se lhe fosse outra mãe carinhosa e atenta, junto de outra companheira que lhe amenize os dias terrestres, do que observá-lo em delírio, afrontando as Leis de Deus, a pretexto de buscar-nos para um reencontro que se faria então mais remoto, pela insubmissão a Deus e à vida em que pretenderia alicerçar-se. Você sempre me ensinou equilíbrio e compreensão, quando o ciúme rondava de longe o meu zelo por sua paz. Agora, isso deve ser mais forte em minha alma de esposa repentinamente transformada, mas não destruída. Apresento-me perante você e diante de minha mãe a fim de confirmar-lhes que estou de acordo com os preceitos de Deus e não segundo os meus desejos.

Querido Henrique; perdoe-me se me exponho assim, nestas palavras, nas quais procuro reerguer-lhe as forças. Acontece que amo a você com a dedicação de todos os dias e não se me faria possível dizer-lhe o que afirmo, sem o misto do carinho humano que precisa ceder ao carinho espiritual. Minha mãe saberá entender-me. E o mesmo acontecerá ao nosso amigo Carlos, para quem a nossa Zélia espera igualmente um dia novo.

Querido Henrique, quando você conversar comigo, muitas vezes, visualizando-me os retratos e as imagens, especialmente à noite, quando a solidão se nos faz mais amiga, quando isso corra, não chore tanto... As suas lágrimas me caem no coração, queimando-me os sentimentos. Lembre-se de mim e me auxilie, mas prometa-me que viverá e será forte, diga que confiará em Deus e no tempo e que estamos decididos a acatar as provas que nos foram reservadas. Anime-se me reanimando. Ainda preciso de suas forças para me escorar a vida. Deus nos auxiliará. Tenho disso a certeza. Nossas filhinhos estarão conosco. Crescerão aqui, amando a você cada vez mais, qual me acontece. Voltar-se-ão à Terra mais cedo, talvez até mesmo para pousarem nos seus braços paternos, ainda não sei. Mas tudo se fará com a proteção de Jesus, cujo amor ilimitado nos guarda a todos.

A nossa Zélia agradece à Mãezinha Laura as vibrações e preces de bondade e proteção com que a reconforta e eu agradeço à querida mamãe as orações com que nos acompanha. Não posso especificar os meus agradecimentos; porque teria de alongar-me indefinidamente. Querido Henrique; auxilie-me com a sua coragem e envie-me os seus pensamentos de esperança para que eu saiba aceitar as ocorrências como são e como devem ser. Saiba que estarei com você em quaisquer momentos da vida e em todos os empreendimentos novos que você seja induzido a realizar.

Abençoe-me com as suas energias positivas de homem de bem e receba todo o coração da esposa e hoje companheiro maternal que deseja ser para você o apoio e a compreensão de que ambos

necessitamos para ser mais felizes. Em você e com você todo o carinho, com as muitas saudades e esperanças de sua;

Laura Maria

FAMÍLIA MANO JÚNIOR

CLÁUDIO MANO JÚNIOR

Nascimento: 07 de novembro de 1969

Desencarnação: 09 de junho de 1985

Idade: 16 anos

ESCLARECIMENTOS:

Pais: Cláudio Mano e Maria Piedade Manoel Mano, residentes em São Paulo – SP.

Vovó Olga: Olha Gonçalvez Manoel, avó materna; a quem ele era muito apegado.

Avó Marta: Maria Marta Ferreira Gonçalvez, bisavó materna, desencarnada em 09.08.1975.

Dr. João: Dr. João Antonio Arditto, na ocasião noivo de sua tia materna Olga, foi quem o operou e deu assistência médica até a hora de sua partida.

Dra. Zilda: Dra. Zilda Manoel, tia materna, médica que também o assistiu nesses dias até a hora da partida.

-COMENTÁRIOS-

Em sua mobilete, no dia 04.06.1985, aproximadamente às 19:00 horas, Cláudio ia para a escola. Na Rua Fernando Falcão, um carro, ao entrar à esquerda, atropelou-o, caindo com a cabeça na guia da calçada e fraturando o crânio. Foi levado para o Hospital Tatuapé em coma. Quando a família chegou, ele ainda estava no corredor aguardando os primeiros socorros.

O Dr. João Antonio Arditto, neurocirurgião, percebendo a gravidade do momento, levou-o para o Hospital Bandeirantes, operando-o, drenando um hematoma sub dural. Ficou na UTI durante cinco dias. Apresentou problema de broncopneumonia, vindo a falecer no dia 09, às 22:00 horas, nesse momento acompanhado de sua tia

Dra. Zilda Manoel. Cursava na época a 7^a. Série do Curso Supletivo Meta. Pouco gosto pelo estudo, aos 14 anos pediu aos pais para ir trabalhar com seu tio em Agência de automóveis de sua propriedade. Mostrou-se muito responsável nas suas novas atribuições e, com isso, passou a interessar-se mais pelos estudos.

Postumamente recebeu uma homenagem pública. Seu nome foi dado a uma Praça no Jardim Anália Franco, à Rua Coronel Irineu de Castro.

Como os pais e a família se mostrassem intensamente traumatizados, vários amigos, que passaram pelo mesmo drama; como Dr. Gabriel Fernandes Sais e Edson Elisei; levaram alguns livros com mensagens de entes queridos que partiram nas mesmas circunstâncias. Despertou na família o interesse pela Doutrina Espírita. Em 28 de setembro de 1985, os pais foram levados ao Chico Xavier pela primeira vez pelo casal Adelaide e Sr. Antero dos Santos Dias, na esperança de conforto ou de esclarecimento. Após várias tentativas infrutíferas, a primeira mensagem foi enviada à avó materna Olga Gonçalvez Manoel.

Antes da primeira mensagem, Chico Xavier já transmitira palavras de conforto, explicando o Mundo Espiritual, o que proporcionou, principalmente aos pais um início de compreensão e aceitação do drama que vivia. No despertar da fé espírita, os pais passaram a freqüentar Uberaba com mais assiduidade, quase todos os meses quando tinham oportunidade, sempre à espera de mais conforto.

Sabemos que esses momentos a ansiedade por palavras que confortem e amenizem o sofrimento é muito forte, mas é preciso que se tenha confiança e fé. O momento que o Plano Espiritual permitir as mensagens; sejam por palavras ou psicografadas, chegarão.

MENSAGEM DE: CLÁUDIO MANO JÚNIOR

Querida mãezinha Piedade e querido papai Cláudio;
abençoe-me.

As saudades que atuam em nós são tão grandes e a mamãe chegou aqui tão esperançada de me obter as notícias diretas que a vovó Maria Marta me trouxe para lhes confirmar que estou bem.

Primeiro foi aquela de hospital e tratamento, com a vovó Cândida a me servir de enfermeira, com as instruções dos Benfeiteiros Espirituais para que não me desse ao desespero e ao pessimismo os dias se foram com a indiferença do relógio, por nossos gemidos de saudade na separação.

Apesar de minha inexperiência, observo que as nossas provações parecem não interessar à natureza, porque, enquanto sofria e pensava nos pais queridos e em nossa querida vovó Olga, o Sol brilhava tão claro como antes e as flores no jardim-parque, onde fui acolhido, desabrocham ignorando os nossos padecimentos. Agora estou mais habilitado a dar notícias, se bem que as minhas incursões por aqui são raras e curtas.

O choque foi muito grande.

Quando a mobilete me atirou ao chão por influência da máquina pesada, que nos surpreendeu, tive a idéia de que eu era um passarinho aniquilado numa armadilha de caçadores.

Nas últimas possibilidades de registrar o que se falava em torno de mim, escutei alguém a dizer: - “Mas essas máquinas são um perigo, pois não são motos, nem bicicletas, parecem transportes de brinquedos”.

Fiquei desencantado com o que assinalei em momentos terríveis como aqueles de junho passado e, conquanto as dores que sentia, quis replicar que a mobilete é máquina tão respeitável quanto às outras e, se a gente não está na hora de possuir um carro, a bicicleta motorizada é um recurso para vencer distâncias.

Por que aprovar unicamente os motoristas competentes do ônibus e automóveis e censurar os nossos veículos humildes, quando tantos homens entregadores de encomendas ou “boys”, portadores de recados, ganham honestamente a vida e consegue, ser úteis aos seus familiares, enfrentando os monstros do trânsito e passando por eles

com sacrifício e agilidade para cumprir deveres profissionais e estudantis em cima da hora?

Desculpem-me os pais queridos essa minha divagação, mas se louvamos os grandes mastodontes da rua, tocados velozmente para essa ou aquela finalidade, nós, os pequenos, isto é, os ciclistas em serviço, a meu ver, carecem igualmente o respeito de todos.

Felizmente, estou seguindo com tantas melhoras em meu estado geral que já estou conseguindo fazer o meu protesto que não julgo seja inconveniente ou desprímoroso para quem quer que seja. Mas, não há de ser nada.

Logo que eu puder, estarei servindo aí nas turmas de solidariedade e socorro em aparelhos daqui, que os dinossauros da rua nem de leve conseguirão estragar.

Agradeço as sugestões da vovó Olga para que vivesse às preces deste lar de orações, porque eu precisava muito pedir à querida Mãezinha calma e coragem, sem chorar e sem sofrer.

Ainda não sei, mas acredito que por aqui terei excelentes oportunidades de estudo e prometo-lhe comportar-me com a limpeza de sempre em meus compromissos e atitudes.

Fiquem tranqüilos a meu respeito e continuem a lembrar-me com os pensamentos de amor e paz, com os quais me auxiliaram tanto.

Um abraço à vovó Olga e lembranças a todos os nossos do nosso mundo familiar.

E recebam, os queridos pais, um respeitoso beijo do filho que lhes entrega nesta hora o próprio coração agradecido.

Cláudio Mano.

FAMÍLIA MARTINI

SIDNEI MARTINI

Nascimento: 13 de outubro de 1955

**Desencarnação: 20 de dezembro de
1976**

Idade: 21 anos

ESCLARECIMENTOS:

PAIS: José Martini e Maria Pastorello Martini, residentes em São Paulo – SP.

Irmãos: Valdir e Laerte Martini

Avós: Vovó Marietta – materna, desencarnada oito meses após a desencarnação de Sidnei. Bisavô Giacomo Pedrina, desencarnou na Itália ao término da 1^a. Guerra Mundial.

- COMENTÁRIOS -

Em sua moto, 10 de dezembro de 1976, Sidnei dirigia-se para a sua casa, às 23:00 horas; vindo do Parque Ibirapuera. Na Rua Sena Madureira, o semáforo em uma das suas travessas fechou para o trânsito no sentido de sua direção, abrindo-o aos pedestres. No retorno, liberado para o trânsito de veículos novamente, duas jovens que se encontravam prestes a atravessar, nessa tentativa, indecisas na passagem, ficaram no vai e vem quando resolveram voltar. Nesse momento, o trânsito fluía normalmente.

Sidnei, à distância, aproximava-se trafegando em sua mão de direção. De inesperado deparou-se com aquela situação: as moças à sua frente. Freou sua máquina motociclista instantaneamente e mesmo assim não pôde evitar a colisão com uma das jovens, também internada na ocasião do acidente, sendo jogado ao chão. Desse choque resultou fratura de crânio, levando-o a ficar hospitalizado durante dez dias em estado de coma, vindo a falecer.

Este episódio foi narrado por sua das jovens companheiras que saiu ilesa do acidente.

Dona Maria e Sr. José; hoje com o equilíbrio e a compreensão adquiridos no tempo de Deus, comentam com a sinceridade de pais, que amam e sofrem na saudade física, mas que se regozijam de saber que o seu Sidnei trouxe-lhes a certeza do amanhã, com a mensagem para os seus corações.

No diálogo esclarecedor, nos dizem:

“Quando Sidnei partiu; ficamos desesperados e revoltados ao mesmo tempo”.

Desesperados e revoltados pela perda física, pois que o advertíamos sempre do perigo das motos, mas, nada disso adiantava. Hoje nos arrependemos dessa revolta.

Podemos dizer com segurança que acontece com todos os seres constituídos em família.

Quando se perde um ente querido especialmente na condição de um filho ou filha; tem-se a impressão que o mundo de nossas vidas desabou, jogando por terra todo sonho imaginado para os filhos.

A descrença passa a ser a tônica enfatizada pela dor a derrotar qualquer fio de esperança e fé.

Os dias são tristes, sem o tempero da alegria. Nos esquecemos de Deus que ampara a todos os filhos, achando até que somos os sofredores da sua justiça.

Nada disso é verdade quando entendemos a vida verdadeira.

Nosso filho; Valdir, em viagem na ocasião em uma cidade qualquer, adquiriu o livro; “Jovens no Além”, psicografado por Francisco Cândido Xavier e trouxe para que nos servisse de bálsamo. Ali estavam também famílias que testemunhavam a sua dor convertida em vida de trabalho e ajuda ao semelhante.

Com a leitura desse livro, começamos a despertar e, por indicação, passamos a ler outros; onde mães e pais confortavam-se pelas mensagens abençoadas de seus filhos.

Conversando com uma preclara amiga da família, indicou-nos o ideal – Instituto Divulgação Editora André Luiz, o qual tem o Sr. Orlando Moreno como dirigente.

Procuramos entrar em contato e passamos a freqüentar essa casa de caridade espiritual.

Por intermédio desse amigo, Sr. Orlando Moreno, pudemos nos dirigir ao Chico Xavier. Estivemos por lá quatro vezes, sendo que, na primeira vez, recebemos um curto recado que nos alegrou e tranqüilizou muito. Por fim, na quarta viagem, recebemos a mensagem de nosso filho “”.

Dona Maria, sensibilizada, ainda deixa transparecer o desejo de contar para esclarecimento mais esses fatos.

“O que nos deixou surpresos foi o Sidnei ter falado sobre a avó Marietta, minha mãe, que desencarnou nove meses após ele. Chico de nada sabia”.

Outro fato realmente esclarecedor e confirmador da Vida Espiritual, solidificando ainda mais essa certeza, foi a menção de vovô Giacomo. Na hora eu e meu marido, em dúvida, não sabíamos se era por parte de meu pai ou de minha mãe. Não lembrávamos. Chegando em casa, curiosa ainda, perguntei aos meus irmãos mais velhos, por parte de quem era o vovô. Esclareceram-me que se tratava de nosso avô materno, Giacomo Pedrina, falecido na Itália em 1918, na 1^a. Guerra Mundial.

Por essas alegrias, pela confiança readquirida, pelo caminho descoberto de trabalho aos semelhantes, nós dizemos com segurança: “Chico, tu és amado, respeitado pelos carentes desta vida terrena. Tu és a paz, tu és o amor de Jesus entre nós. Chico; continue conosco sempre na graça de Deus e que Ele o abençoe”.

MENSAGEM DE: SIDNEI MARTINI

Querida mãe e meu caro papai, o tempo já me proporcionou novos encargos, obrigando-me a refletir com maturidade, mas prossigo sendo o filho necessitado do carinho dos corações amados que me trouxeram para a Vida na Terra.

Afinal, depois de tanto ruído e tantas reclamações, a moto não me aniquilou e, muito ao contrário, entrego-me agora a estudos especiais a fim de colaborar com a melhoria das máquinas mais velozes do futuro.

A moto já parece em casa, com a desconfiança de todos. Ainda não vi pessoa alguma que lhe recordasse os benefícios, nem mesmo os doentes para os quais esse veículo agia e continua agindo com eficiência nas tarefas do socorro.

Não se agastem comigo se lhes disser que, por enquanto, a moto nos grupos familiares; é motivo de pânico e antagonismo sem razão.

Recordo-me do meu próprio caso.

A vovó Marietta, sempre carinhosa, não me desaprovou, mas exibiu todo o medo que lhe ia por dentro quando lhe mostrei o meu cavalo voador.

Ela que queria tanto, a ponto de se entristecer e voltar ao chamado Além logo depois de meu regresso, como que a me procurar neste Espaço Imenso, e, em me fitando na montaria inesperada, me disse que estava disposta a orar para que nada de mal me sucedesse.

Vi o pesar de tantos amigos, que mais me apeguei à máquina, buscando auxiliá-la para que não fosse tão mal querida.

Acontece, porém, que me cabia voltar mais cedo à Vida Espiritual e, foi; ela o repositório de todas as lamentações, porque com ela encontrei a renovação espiritual, forçado que fui a me desvincilar do traje estragado que se tingiu de vermelho para que eu fosse impelido a deixá-lo.

Se me regozijei com o fato, isso é que não.

Queria viver, namorar, distrair-me, estudar, habilitar-me para ser matriculado entre os maiores de idade e responsabilidade, mas a chamada Força Maior me convocou à transformação. E a moto amiga foi acusada de condução perigosa e inconveniente.

É verdade que o choque não foi nada agradável e fui constrangido a muitos contratemplos, mas defendo o nobre cavalo rico, feito de rodas e enfeites, antenas e holofotes, como se quisesse vencer a má impressão que sempre causa onde aparece em definitivo.

Mas... A moto devia ser a razão para a viagem diferente e eis-me aqui a defende-la, para que o Valdir e o Laerte se informem de que o mano vai indo bem, embora as saudades.

Tenho muitos amigos e companheiros novos, mas ninguém consegue substituir um irmão amigo e bom, e em meu caso tive dois. Sei que ainda os tenho, mas o espaço de tempo para a saudade vai se tornando maior e, por isso, ao ofertar de novo todo o meu amor aos pais queridos, não me esqueço dos meus sócios de casa.

Espero que não tenham tido receio de minhas roupas e pertences, porque estou certo de que a mamãe Maria já terá liberado o meu espólio de rapaz lutador. Se ainda não o fez, que o papai José me auxilie e dê andamento na liberação do que não deve ser objeto de tentação para as traças.

Quero dizer-lhes que a vovó Marietta chegou muito bem e hoje é uma obreira incansável da beneficência junto de nós.

Quem me carrega carinhosamente para o repouso do qual me reergui animado a continuar fazendo o melhor, foi vovó Giacomo Pedrina que, em me vedo inclinado a buscar novas máquinas, me disse com bondade e entendimento:

- “Meu filho, eu sou o seu bisavô Giacomo e comprehendo muito pouco da vida nova no mundo, mas creio que você foi criado por Deus para ser um astronauta. Não terei surpresa nenhuma se você inventar por aqui algum aparelho que ande mais depressa que o pensamento”.

Achei graça no apontamento e por isso estou trabalhando com o cérebro e com as mãos em novos planos para o futuro.

Bem, já falei o bastante.

Ninguém é obrigado a estar me ouvindo, mas os queridos pais sabem que, por dentro de mim, a saudade é uma dor escondida que ambos me auxiliam a suportar. Entretanto, não desejo lamentar por

nada, porque tenho Deus por nós e os melhores pais do mundo em meu favor.

Lembranças aos irmãos e, para os dois, meu pai amigo e minha querida mãe de todas as horas, um beijo valendo muitos outros do filho reconhecido que pede a Deus conceder-lhes toda a felicidade que nunca pude lhes dar.

Todo o carinho e toda a gratidão do

Sidnei

FAMÍLIA ROSSATI LEMES

NELSON ROSSATI LEMES

Nascimento: 24 de dezembro de 1944

Desencarnação: 13 de junho de 1978

Idade: 34 anos

ESCLARECIMENTOS:

Pais: Irineu Lemes e Helena Rossati Lemes, residentes em Ponta Porã – MS.

Esposa: Nilda lemes

Avôs: Cirilo, materno, desencarnado.

Manoel Lemes, paterno, desencarnado.

Helena: Serviçal conhecida e tratada carinhosamente por babá “negra velha”.

Irmãos: Irineu; Adilson; Paulo e Adilta.

Cate: Filha.

-COMENTÁRIOS-

Meu filho ficava preso à televisão quando Francisco Cândido Xavier aparecia nos diversos programas e aos quais tinha a oportunidade de assistir.

Cada vez que isto ocorria, ele dia: “-Mamãe, eu creio de coração nesse homem e logo que eu possa faço questão absoluta de visitá-la”.

Não houve tempo para completar esse desejo.

Pelo fato de meu marido já ter desencarnado, meu filho era o homem da casa. Cuidava de sua família, esposa e filhos, e de mim com extremoso amor.

Amoroso com todos, não media qualquer sacrifício para atender a quem precisasse.

Delicado, suave no trato com as pessoas, como pôde ele desencarnar por meios tão violentos?

Foi atingido por um tiro de espingarda.

Incompreensível, no círculo de suas amizades, alguém, de repente, sem dar a mínima chance lhe põe termo à vida.

Para um atendimento médico mais eficiente e completo, foi obrigado a seguir para o Rio de Janeiro, aonde veio a desencarnar três dias depois.

Fiquei a ponto de enlouquecer.

As minhas atitudes, completamente desordenadas, preocupavam meus familiares.

A cena dessa tragédia em minha vida era uma constante.

Por mais que quisesse, nada havia que me consolasse. Os amigos se acercavam e, na tentativa, com palavras, com gestos de carinho, com preces, esforçavam-se para que eu encontrasse um pouco de paz.

Tão logo me deixavam, tudo se repetia.

Procurava em cada rosto o de meu filho. Não sabia mais o que fazer.

Quase louca fui levada à presença de Francisco Cândido Xavier.

Lembrava-me, então, de meu filho Nelson quando, falava em conhecer Chico Xavier.

Junto dele ago me aconteceu: transformei-me, esperançosa, aguardei o meu momento com fé e confiança plena em Jesus. Suas palavras nesse dia; criaram raízes de esperança, de conforto e fé. Comecei a compreender um pouco mais as razões da vida. Chico me ensinou.

Por mais duas vezes voltei à sua presença em ocasiões diferentes e senti-me feliz e agradecida a Deus por meu querido Nelson ter podido se comunicar.

Depois de sua mensagem; parei de chorar, conquanto, ainda, carregue a dor no coração, aguardando o remédio do tempo para cicatriza-la. Rogo aos corações em sofrimento, fé em Deus, porque hoje eu comprehendo que os nossos entes vivem e vivem para nós.

Vamos viver para eles, para que eles continuem sentindo as vibrações de amor e equilíbrio dos nossos corações.

Francisco Cândido Xavier está aí para nos auxiliar com as bênçãos de Jesus, mas precisamos contribuir com a nossa parte.

Deus seja louvado!

MENSAGEM DE: NELSON ROSSATI LEMES

Querida Mãezinha Helena; abençoe o seu filho que agradece a Jesus estes momentos de reencontro.

Sinceramente, não saberia escrever neste recanto de orações, não fosse a necessidade que tenho de me comunicar com o seu devotamento, a fim de pedir pela tranquilidade de nossa casa e de nossa família.

Mãezinha Helena, tudo aconteceu de maneira assim tão rápida que não consigo minudenciar as notícias a meu próprio respeito.

Quando o corpo estranho me alcançou, imaginei que houvesse sido vítima de uma pedrada de cujo peso não consegui me desvencilhar.

Quis levantar0me e observar o que se passava, no entanto, não tive mais qualquer noção de mim mesma.

Um torpor muito grande me absorveu e não consegui espaço no pensamento para recordar com nitidez o que eu ansiava recompor na imaginação.

O seu semblante e o semblante de nossa querida Nilda; estavam em minha memória. Não supus fosse a morte o clima em que estava entrando sem perceber. E hoje creio que se tivesse tido o necessário discernimento, seria realmente para as duas, minha mãe e minha esposa, para quem se voltaria o meu olhar nos instantes últimos do corpo. Pouco a pouco um sono compulsivo me dominou e até hoje não sei dizer quanto tempo durou aquele estado de sonambulismo que eu não previa.

Acordei num aposento de hospital e julguei que fora vítima de algum acidente.

Pedi a presença dos meus, no entanto, era preciso obedecer às disciplinas.

Foram meu avô Cirilo e a Mamãe Helena os primeiros que me falaram da realidade. A querida babá de que as suas lembranças nos contavam tantas histórias lindas, ali se achava perto de mim.

Não precisava, para identificá-la, senão do retrato falado que as suas recordações sabem transmitir.

Ao certificar-me de que fora despojado de tudo, a minha sensação foi a idéia de total desespero, mas as palavras daqueles amigos me sossegaram gradativamente. Depois pude ser abraçado pelo vovô Manoel, pelo mano e pelo papai Irineu e todos me prometiam saúde espiritual e bom ânimo à medida que eu me aceitasse dentro da nova situação.

Querida Mamãe; foi talvez pelo interesse de merecer revê-los que cedi. A princípio, me sentia na condição de um potro na corda curta, mas as preces de seu coração repletas de lágrimas e consolações me buscavam a dor de Nilda e, às vezes, de meus filhos, chegavam ao meu coração e seria impossível para eu opor resistência a tanto amor.

Agora ficou um problema. É que desejo rogar ao seu carinho de mãe, apagar no coração de meus irmãos as idéias de vingança, triste palavra para a qual não encontro outra que a substitui na força violenta com que se destaca diante de mim.

Peço ao Nei e a todos cessarem qualquer movimento para uma atitude que não passaria de uma sombra sobre outra, ou de sofrimento incalculável a projetar-se para o futuro sobre o nosso sofrimento que já passou.

Por amor a Deus e à família. À nossa Cate e aos irmãozinhos; peço para que a bênção de Deus seja procurada na conformação com que devemos aceitar as tribulações que merecemos. Não desejo que meus filhos cresçam com a marca do ódio. Jesus nos protegerá para que meus irmãos e nossos queridos familiares procurem esquecer.

Não quero dizer para não sofrermos, porque isso seria falsear a nossa condição de criaturas humanas, mas fazer outros sofrerem

conscientemente, como se fôssemos donos da vida, seria esquecer a paternidade de Deus que a todos nos criou para o bem.

Se um companheiro da Terra foi envolvido de repente por uma idéia infeliz; fazendo dessa idéia um ato impensado, cujo golpe recaiu sobre nós, isso não é motivo para que façamos o pior, imaginando de que modo entrar na ilusão do sangue sobre outro sangue.

Peço a todos que me poupem nesta vida nova a angústia em que me reconheceria, observando que os meus entes mais queridos não souberam auxiliar a mim, à esposa e aos filhos com paz de que precisamos, a fim de relegar para trás tudo aquilo que sucedeu e cuja causa ainda desconheço.

Mãezinha Helena; ajude-me e peço dizer à Nilda para que ela ore comigo; pedindo a Deus para que as nossas crianças sejam vacinadas contra qualquer sintoma de ódio, através de perseguições que nos fariam aumentar a taxa de sofrimento que já se abateu sobre nós na dose que as Leis da Vida permitiram.

Agradeço; querida Mamãe, a sua bênção buscando-me a palavra, através da expectativa de que me expressasse sobre o assunto que tanto desejaría sepultar, para sempre, na terra bendita do esquecimento, com a lição de Jesus em nosso íntimo.

Creia, Mãe querida, que o meu anseio de fazer a paz não me permitiu falar das saudades.

Diga à querida Nilda que a falta dela e os meninos é um vazio sem tamanho, tanto quanto está vazio o recanto do coração que sempre dedique à sua presença de mãe e ao carinho dos meus irmãos, entretanto, por agora, é preciso pensar em paz me fixo para rogar, a todos, para que me auxiliem.

Faltas humanas não dissolvem faltas humanas, apenas, engrossam a correntes das trevas que já se faz tão grande onde os homens se fazem sentir. Nossos familiares daqui me fazem intérpretes das lembranças que trazem a todos e eu, querida Mamãe, em sua presença, imagino a presença de todos para abraçar a todos com a minha confiança. Rogando a Deus abençoar a nossa querida Nilda e

aos nossos garotos, beijo as suas mãos de mãe e amiga, companheira e protetora, de todos os dias.

O seu filho sempre reconhecido.

Nelson

FAMÍLIA SILVA PARAIZO
CARLOS ALEXANDRE DA SILVA PARAIZO

Nascimento: 11 de setembro de 1957

Desencarnação: 08 de novembro de 1980

Idade: 23 anos

ESCLARECIMENTOS:

- **Pais:** Guilherme Costa de Souza Paraizo e Edite da Silva Paraizo – Residentes em Rio Doce - Olinda – PE.
- **Irmã:** Boné – Fabíola da silva Paraizo
- **Esposa:** Iracema de Lima Paraizo
- **Filha:** Germana Karla de Limpa Paraizo, não chegou a conhece-la, nascida em 12.06.1980.
- **Vovó Severina:** Severina Maria da silva, materna, nascida em São Caetano, Pernambuco, desencarnada em 23.12.1959 em Recife – PE.
- **Vovô Carlos Afonso:** Carlos Afonso de Souza Paraizo, paterno, nascido em Recife-PE em 07.07.1938, desencarnado em 11.11.1968.
- **Narciso:** Personagem da Mitologia Grega que o mesmo se ligava muito.

- COMENTÁRIOS -

Muitas pessoas diziam ser difícil ou mesmo impossível conseguir falar com Chico Xavier e que eu perderia a viagem. Mesmo assim, esperançosa, viajei para Uberaba e o meu contato com ele bem como o conforto espiritual que recebi através dele foram maravilhosos e muito importantes para minha vida.

Não encontrei empecilho para chegar até ele. Fiquei na fila que se formava desde cedo e, logo mais à tarde, estava eu falando com o querido médium.

Quando em sua presença, perguntou-me quem era Ana. Muito aflita; nervosa, não pude lhe responder com segurança. Tinha uma vaga lembrança sobre minha avó. Quando ela desencarnou; eu era ainda muito pequena. Em seguida, perguntou quem era Severina. Respondi-lhe tratar-se de minha mãe, desencarnada. As duas ali estavam e acompanharam a desencarnação de meu filho.

Em Recife, busquei informações com minha irmã sobre o nome de minha avó Ana, obtendo a confirmação do mesmo.

Chico ainda perguntou-me para qual vestibular meu filho estava se preparando. Disse-lhe que era Psicologia... “E as opções?” – quis ele saber. Ainda descontrolada pela emoção não consegui lhe responder e ele então, me dizia ser Odontologia e Veterinária, o que confirmava plenamente.

Outra verdade:

Perguntou-me se Carlinhos escrevia muito.

Como podia Chico saber, se não lhe dissera nada?

Meu filho, por vezes, acordava altas horas da madrugada e escrevia até principiar o dia. Eu lhe perguntava o que tanto escrevia. Mostrava-me e eu nunca o levei a sério. Quando de sua partida, em seu escritório,achei todos os seus escritos. Colocando-os numa pasta, guardei-as. Em minha viagem para Uberaba, como se alguém me sugerisse, levei-os comigo. Mais surpresa ainda fiquei quando Chico pediu-me paravê-los e se estavam comigo naquele instante. Respondi-lhe que os havia deixado na pensão em que me hospedara. Pediu então a um senhor de nome Pedro, pessoa colaboradora presente, que abrisse o portão para minha saída em busca dos textos. Encontrei certa dificuldade em minha volta para adentrar ao Centro, pelo Grande número de pessoas que o aguardava. Conseguí atravessar e entregar-lhe a pasta. Ele leu algumas e achou-as lindas. Perguntei-lhe se aquelas mensagens eram reais. Respondeu-me que eram realíssimas, para guarda-las bem e com todo o carinho, pois eram uma obra prima que o meu filho me deixou e que, quando pudesse deveria fazer um livro. Acrescentou ainda que meu filho não era para ficar aqui. Uma

senhora que estava ao seu lado, por eu estar chorando muito, pediu-me que parasse de chorar. Ele, carinhosamente, dizia ser choro de felicidade, pois o meu filho estava muito contente, feliz e em lugar maravilhoso.

Pedi-lhe então que gostaria de uma comunicação com ele. Falou-me que se o meu filho tivesse ordem dos seus superiores viria me confortar com uma mensagem, que eu tivesse fé. Eram precisamente 14:00 horas da sexta-feira. Às 0200 horas da madrugada do sábado, ouvi estas palavras pelo Sr. Weaker Batista, “Esta mensagem é assinada por Carlos Alexandre da Silva Paraizo”. Fui até a sua mesa de trabalho e o nosso querido médium leu-a e me entregou. Que emoção, meu Deus!

Beijei-lhe as mãos; recebendo o mesmo em retribuição e desejando-me a bênção de Deus.

Como agradeci aquele momento, como pedi a Deus pelo Chico e pelo meu filho. Na viagem de volta, de ônibus, sonhei com o meu filho pela primeira vez.

A mensagem foi para mim um verdadeiro “Prêmio do Céu”. Tive a certeza da sobrevivência do meu filho, e, hoje, mais do que nunca, sei que ele está morando num outro País que não sei onde é, mas que existe e eu esperocontra-lo um dia.

MENSAGEM DE: CARLOS ALEXANDRE

Mãezinha Edite; abençoe-me, como se visse de novo criança em seus braços...

Desejo identificar-me consigo de tal modo neste instante, que me sinta na forma de um ramo pobre ligado à bênção da árvore de que nasci...

Sinto, em verdade, a presença do papai Guilherme e da Bone conosco, da nossa Iracema e da nossa Germana, entretanto, quero escrever como na escola assinando o nome do seu Carlinhos.

Mãezinha; comprehendi tudo. Muitos disseram até que desertei do caminho, que não suportei a pressão da caldeira em que tantas

vezes resumi a experiência humana, mas você e eu sabemos que o coração se me rebentou no peito, talvez sob o peso de meus complexos emotivos sempre mais amplos e sempre mais constringentes. Veio um torpor de tal maneira irresistível sobre mim que não me furtei ao encontro daquele convite ao repouso que de modo algum, poderia supor fosse definitivo para a vestimenta de células físicas que usava por mais de vinte anos.

O espanto do despertar foi compreensível para mim, entretanto, não me perdoava pelo fato de não haver previsto o que me sucedeu. A meu ver, cabia-me por dever de filho prever a parada cardíaca de logo curso. Em assunto da morte, porém, estava muito cru para imaginar coisas de disritmia ou de extra-sístoles...

O coração fibrilou de uma vez, como que recusando qualquer possibilidade de socorro e não julguei que estava despejado de casa, da casa física que me servira com tanta obediência e precisão.

No fundo, querida Mamãe, admito que os próprios pensamentos me arrebataram...

As idéias com as quais convivia eram demasiado fulminativas. Queria que, indebitamente, um mundo somente meu, no qual conseguisse refletir a minha apropria imagem.

Esqueci-me de Narciso e fiz o mesmo.

Somente aqui em contato com a vovó Severina; que me recolheu carinhosamente, posso efetuar a revisão de meus próprios conceitos. Exigiu uma habitação planetária de que nossa Terra ainda se acha muito longe. Abominava tudo o que fosse mentira, mas não comprehendi que a própria pessoa humana precisa disfarçar-se no corpo transitório a fim de assimilar os ensinamentos da vida.

Achava-me oculto em meu próprio abrigo de carne e ossos e me supunha livre, quando me competia aceitar as disciplinas da existência e observar os valores que me seria possível entesourar com elas.

Não conseguia de minha parte desculpar a presença da lama e da sombra, inabilitado a reconhecer que o prodígio do pão nascia no

barro da terra e que o ventre da meia noite liberava o dia num parto deslumbrante de luz.

Vi talvez unicamente o mal e fui demasiado míope do ponto de vista espiritual, a fim d enxergar o bem.

O vovô Carlos Afonso atualmente me analisa as formações mentais e vou identificando as novas nuances da vida, entre a surpresa e a alegria do aprendiz que, gradativamente, se desvincula da cegueira de espírito.

Creia que devia estas explicações ao carinho de meus pais queridos e à bondade dos amigos que acreditavam em minha sinceridade.

Mãezinha Edite; peço-lhe comunicar aos companheiros que a morte é uma fantasia do masoquismo da Humanidade.

Não se lastima o animal que será imolado à nossa fome no mundo e nem se chora o tronco que o machado decepa, transformando-o em objeto servil para uso doméstico.

A morte é um imperativo da própria vida. Ninguém se renova sem desencarnar algum pensamento que terá vivo em nossa forma de ser durante tempos e tempos. Tudo é vida, porque tudo vem da morte existe a morte porque tudo, na essência, é unicamente vida em manifestações incontáveis.

Mas a vovó Severina me lembra que está assembléia de pessoas simpáticas não se formou aqui para registrar as minhas saberenças de filósofo-mirim.

Que eu termine, porque já é tempo.

Estou contente, porque consegui transmitir-lhe os pensamentos e as novas ideações de seu filho.

A cada um de nossos entes caros, um fragmento do meu amor e do meu reconhecimento, entregando-lhe, porém à sua guarda, como sempre, todo o coração de seu filho.

Carlos Alexandre

**FAMÍLIA TOMAZ DE OLIVEIRA
MARIA CRISTINA SUMMO
TOMAZ DE OLIVEIRA**

**Nascimento: 06 de março de 1961
Desencarnação: 19 de agosto de 1983
Idade: 22 anos**

ESCLARECIMENTOS:

Pais: Victor Geraldo Summo e Ignez Teixeira Summo, residentes em São Paulo – SP.

Irmã: Cláudia Regina Summo.

Esposo: Milton Tomaz de Oliveira

Vovó Guilhermina: materna, desencarnada em 05.07.1975.

Vovó Josefina: paterna, desencarnada em 22.05.1983.

-COMENTÁRIOS-

“Quero dizer à mãezinha e ao papai que estou bem”, palavras de Maria Cristina.

Nesta imagem percebemos que a verdade não pertence a ninguém, senão a Deus que transfere na criação aos espíritos pela fé, a razão como propriedade única, reconhecida na consciência de cada um quando envolvida pelo equilíbrio natural da vida.

Quem é que pode dizer às famílias Summo e Thomaz de Oliveira que a mensagem de sua querida filha e esposa não é a realidade, quando surpreendentemente, depois de um ano de sofrimentos, mais precisamente em 24.02.1984, através de Chico Xavier no Grupo Espírita da Prece, recebem a carta de Maria Cristina.

Nesse lar espírita; praticantes do Evangelho no Lar, inesperadamente, viram Maria Cristina partir, sem chances, atingida

pela meningite bacteriana (Septecemia) segundo os diagnósticos médicos.

Os sonhos e as esperanças de felicidade terminaram.

Desespero e lágrimas foram uma constante nos dias que se seguiram.

A mensagem foi a prova irrefutável de que Maria Cristina vivia.

A verdade absoluta para os familiares.

A presença dos nomes citados, sem que fosse feita qualquer menção a Chico Xavier, coroaram de êxito todo o esforço e a confiança na Espiritualidade.

Só a presença da família, como de tantas outras no Grupo Espírita da Prece, representa aos ansiosos da mensagem, uma consolação.

Quem não a recebe, conforta-se com o drama do semelhante ao perceber que existem necessidades maiores que as suas.

Com isso, voltam reconfortados, mesmo sem terem conseguido a sua carta.

Por isso, Francisco Cândido Xavier é o mensageiro da Paz, da Esperança e do Amor em nosso século.

MENSAGEM DE: MARIA CRISTINA SUMMO

Querida mãezinha Ignez e meu querido pai Victor; peço-lhes para que me abençoem.

Tudo terminou como num pesadelo que o sonho iniciara

Amava tanto a vida e me sentia tão segura da proteção do nosso querido Milton, que a idéia de ausentar-me estava longe de mim.

De início, ainda acompanhei as definições e os diagnósticos dos médicos amigos que me amparavam, entretanto, depois, a cabeça não suportou as dificuldades de que me via agredida pela doença.

Apesar de tudo, apesar das dores e perturbações que a febre, talvez, me inoculasse, acreditava que sobreviveria.

Um esposo e eu tão jovem para atravessarmos o mundo e, as esperanças que nos povoavam as idéias eram para que eu recusasse a ordem da natureza para deixa-los de vez.

Perdoem-me se me refiro aos problemas finais do corpo, com esse tom de rebeldia que me assinala as considerações.

Não. Eu não podia revoltar-me contra a Bondade de Deus que palpitava em tudo.

Se Deus salvava as flores nos momentos de aguaceiro, se Deus ocultava os vermes em furnas de socorro para que não perecessem, por que me haveria de abandonar quando eu mais desejava permanecer?

Mas a certeza do amor divino devia inspirar-me respeito e consideração para não fracassar em minha confiança na hora extrema.

Agarrei-me a Deus e pedi-lhe proteção e consolo.

O cérebro delirava. Eu não sabia mais de que maneira controlar os meus pensamentos, mas uma força poderosa me inspirava resignação.

Soube, depois, que eram a vovó Guilhermina e a vovó Josefina a me conduzirem as intuições.

Tive tempo de lembrar fragmentariamente os pais queridos e a nossa Cláudia.

Senti-me a despedir do lar que eu amava tanto e, por último, chegou o momento de entregar também a Deus o esposo querido que Ele mesmo me concedera.

Revi o nosso Milton na lembrança e pedi ao Senhor da Vida para que o consolasse e mantivesse calmo e paciente.

Ele era um tesouro que eu devia entregar sem revolta, sabendo que Deus nos empresta a felicidade para saber se aprendemos a dividí-la.

Era tão difícil dividir o esposo que me dera a alegria de viver e o dom de esperar o melhor que houvesse no mundo...

Entretanto, era necessário restituí-lo a Deus e esforcei-me. Chorei no íntimo lágrimas pesadas que não me vinham mais aos olhos e pensei que Deus me emprestara o nosso Milton para faze-lo feliz e

se era preciso partir ao chamado de forças que me separavam do corpo doente, era indispensável estar em paz e rogar aos Céus para que ele encontrasse a felicidade sem a minha companhia.

Graças às preces que me clareavam o íntimo, fiz o esforço supremo e confiei a Deus o esposo que se me erguia diante da existência, por amigo e companheiro que me completavam em todos os meus anseios e emoções.

Agora, a tempestade passou.

Quero dizer à maezinha Ignez e ao Papai que estou bem, embora a carência afetiva que vou preenchendo com o ideal de servir e com as orações que me alentam.

Digam por mim ao Milton que isso não é renúncia e sim compreensão. Ele que é tão sincero e tão digno de amor, encontrará quem me substitua para formar ou reformar o lar com que sonhávamos.

A mulher, com certeza, por força da Criação Divina, guarda no coração reservas de entendimento e renovação que no mundo é impossível mentalizar.

Sentindo que o perigo se interpunha entre nós, o perigo da revolta ante a sabedoria da vida, confiei-o a Deus que saberá orientá-lo melhor do que eu mesma.

Não é possível que se aprove a solidão irreversível para um homem jovem e digno da maior felicidade que a Terra possa oferecer. O nosso Milton refará a sua tranquilidade e segurança e estaremos juntos de outro modo. O esposo para as companheiras é também filhos espirituais carecedores de proteção e de entendimento para viverem com as alegrias possíveis da existência.

Querida mamãe Ignez, Istoé que me ocorre dizer, agora que a vovó Guilhermina e a vovó Josefina me ensinaram a trilha do dever com alegria. Do ponto de vista pessoal, prossigo melhorando e reajustando as minhas energias para me identificar com a vida nova que fui chamada a viver.

Não me lembrem com lágrimas, porque a nossa dor passou como a noite que, de repente, se faz dia claro.

Espero ser-lhes útil e desejo se convençam de que estou cada vez mais viva para amá-los e respeitá-los a todos.

Um beijo à nossa Cláudia. E, reunindo os pais queridos no carinho de minhas saudades, com a presença do nosso Milton em minha ternura e gratidão, beija-lhes; os corações queridos, a filha que lhes pertence e lhes pertencerá em nome de Deus para sempre.

Maria Cristina